

## *Comunicação e democracia na América Latina: emergências cotidianas e midiáticas*

*Communication and democracy in Latin America: daily and media  
emergencies*

*Comunicación y democracia en América Latina: emergencias  
cotidianas y mediáticas*

Aimée VEGA-MONTIEL<sup>1</sup>  
Luis A. ALBORNOZ<sup>2</sup>  
Adilson CABRAL<sup>3</sup>

O ano de 2023 marca os 50 anos do Golpe contra a democracia chilena e o assassinato de Salvador Allende. A ditadura implantada a partir daí por Augusto Pinochet não foi uma realidade exclusiva do Chile. Ao contrário: outros países – entre eles, o Brasil – passaram por situações tragicamente similares durante os anos 1950 a 1990. Um contexto que redundou em longas ditaduras as quais estabeleceram como um dos alvos centrais das suas atuações a censura brutal dos meios de Comunicação.

A transição para a democracia na América Latina foi acompanhada pela democratização dos meios de comunicação social. A saúde da democracia foi definida

---

<sup>1</sup> Investigadora del Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades y Profesora de la licenciatura y el posgrado de la Facultad de Ciencias Políticas y Sociales, de la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Doctora em Periodismo y Comunicación por la Universidad Autónoma de Barcelona. Especialista en Comunicación y Feminismo. Presidenta de la Alianza Global de Medios y Género (GAMAG, por sus siglas em inglés) y co-coordinadora de la red internacional UNESCO UniTWIN en Género, Medios y TIC. E-mail: aimeevm@unam.mx. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2521-2021>.

<sup>2</sup> Professor-investigador del Departamento de Comunicación de la Universidad Carlos III de Madrid (UC3M), España. Director del grupo de investigación Diversidad Audiovisual / Audiovisual Diversity (<http://diversidadaudiovisual.org>). Doctor en Comunicación por la Universidad Complutense de Madrid (UCM). E-mail: lalborno@hum.uc3m.es. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0079-3317>.

<sup>3</sup> Professor do Curso de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutor e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com pós-doutorado em Comunicação pela Universidade Carlos III de Madrid (UC3M). Coordenador do grupo de pesquisa EMERGE (Centro de Pesquisa e Produção em Comunicação e Emergência). Email: [acabral@comunicacao.pro.br](mailto:acabral@comunicacao.pro.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8132-6675>.



---

como condição *sine qua non* para a existência de sistemas de comunicação que garantam a pluralidade.

Na região, o processo não tem sido linear ou homogêneo. Enquanto alguns países avançaram com certa força em suas legislações e políticas públicas, em outros a resistência vinda das corporações de comunicação e também de governos autoritários dilatou uma história que conta mais de cinco décadas de luta da sociedade civil.

Apesar dessas diferenças, é possível identificar eixos comuns que identificam o processo de democratização da mídia na América Latina: reserva do espectro para concessões de uso social comunitário e indígena, promoção de sistemas públicos de radiodifusão com independência editorial e financiamento, regras políticas claras contra monopólios, oligopólios e propriedade cruzada, reguladores autônomos e fortes, participação ativa da sociedade civil na concepção de políticas públicas de comunicação e restrições ao controle governamental e presidencial sobre os sistemas de comunicação social (Gómez, 2013). Por outro lado, a promulgação de leis de radiodifusão, tal como a da Argentina, encontrou sérios obstáculos a sua implementação efetiva. Os meios de comunicação públicos continuam a ser correias de transmissão para os poderes políticos no poder e os órgãos de controle têm poderes limitados. Definitivamente, não é uma tarefa concluída, pois cada regime representa um novo desafio para os direitos conquistados e ainda pendentes.

Conforme observado no capítulo dedicado à diversidade da mídia no último relatório global da UNESCO dedicado ao monitoramento da implementação da Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (Albornoz, 2022), as estruturas monopolistas e oligopolistas na mídia latino-americana continuam a ser recorrentes. Isto é atestado pelo trabalho realizado por Martín Becerra e Guillermo Mastrini (2017) ou pela organização não governamental internacional Repórteres Sem Fronteiras (RSF, 2019) sobre a concentração da propriedade dos meios de comunicação na região.

Um estudo da Repórteres Sem Fronteiras, publicado no final de 2019 e elaborado com dados do Media Ownership Monitor (MOM, ver: <http://latin-america.mom-gmr.org/en/>), indica que a Comunicação Social na América Latina é largamente controlada pelo setor empresarial e pelas famílias ligadas às elites econômicas e políticas. O estudo também identifica problemas de concentração pública e propriedade cruzada dos meios de comunicação; ausência de garantias



---

regulatórias sobre a concentração de propriedade (em termos de legislação que limite a concentração e seja efetivamente aplicada); a participação dos proprietários de meios de comunicação social em outros setores; e a falta de transparência sobre quem controla os meios de comunicação social e as informações financeiras das empresas de comunicação social (RSF, 2019).

Por outro lado, existem países latino-americanos onde os meios de comunicação comunitários enfrentam sérios obstáculos ao seu funcionamento. Por exemplo, em meados de 2022, a Relatoria Especial para a Liberdade de Expressão da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) alertou sobre a existência de normas e práticas que impactam negativamente o direito à liberdade de expressão no Peru, com uma “quase inexistência de licenças para meios de comunicação comunitários, particularmente para meios de comunicação de povos indígenas”. Embora a Relatoria reconheça os esforços do Estado para divulgar a programação indígena, estes são insuficientes, uma vez que a “programação é limitada, em horários restritos ou com baixas audiências e não necessariamente respeitadora da visão de mundo dos povos e comunidades indígenas”.

Pensar as multifacetadas apropriações e implicações da Comunicação e das mídias ao longo desses tantos momentos revela uma significativa compreensão comum: a importância sempre presente das políticas públicas e de marcos normativos para a formulação e a implementação da Comunicação democrática, bem como a contribuição da Comunicação para a construção de políticas públicas nos mais variados contextos. O presente dossiê reforça esta diversidade de análises em torno de temas que evidenciam essas múltiplas atuações. Dão conta de um considerável desafio que se reflete em questões de participação social e seus espaços deliberativos; de populações socialmente vulneráveis, geralmente inviabilizadas e/ou estigmatizadas pela mídia; do exercício responsável e profissional da atividade jornalística para o fortalecimento da democracia, além de buscar um diálogo mais próximo entre contextos e redes de países e regiões na América Latina.

Em “Fascismo de cor: inferências sobre um debate na perspectiva da semiose social”, Jairo Ferreira traz o enquadramento da midiaticização para contribuir no debate recente sobre racismo estrutural (Almeida, 2019) e fascismo da cor (Sodré, 2023), no qual compreende uma abordagem em que se acentuam os contraditórios, sem necessariamente antagonizá-los. Assim, coloca-se numa perspectiva que evidencia o



---

papel da mídia no fortalecimento desse debate, compreendendo aspectos que articulam e reforçam a midiaticização como semiose social nas relações entre fascismo e racismo como componentes que integram uma cultura de opressão e exclusão de parte significativa da sociedade.

Já Juliano Domingues, no artigo “Violência contra jornalistas e qualidade da democracia: evidências da América Latina em análise comparada”, traz resultados de uma investigação guiada pelo questionamento sobre como a violência contra jornalistas se relaciona com a qualidade da democracia na América Latina. Ele constrói esse debate em torno do debate conceitual sobre a abertura da mídia em relação à representação da diversidade social e à independência de controle oficial compreendendo que quanto maior a violência contra jornalistas, menor o nível de qualidade da democracia, com maior impacto desta dimensão sobre aquela, sobretudo quando se trata de América Latina.

Tendo como foco a Oficina de Leitura Crítica de Notícias, experiência de educação midiática da BBC News Brasil, Octavio Penna Pieranti e Ana Carolina Trindade realizam, no artigo “O combate à desinformação na América Latina a partir da educação midiática: um estudo de caso da Oficina de Leitura Crítica de Notícias”, uma pesquisa de opinião que permitiu compreender as percepções sobre a temática e o interesse de estudantes e profissionais de comunicação. Desse modo, articula uma das diversas iniciativas relacionadas ao extenso campo da educação midiática com a importância da construção desse debate por parte de uma empresa pública de mídia que se dispõe a promover esse tipo de atividade.

“O Conselho de Comunicação Social como símbolo da luta pela participação no debate regulatório em Comunicação”, de autoria de Deborah Rebello Lima, compreende este órgão de participação social como um colegiado em evidente disputa por espaço, definição e continuidade desde sua criação, ocupando um lugar dentro do arcabouço regulatório do campo da comunicação e de representatividade de escuta da sociedade civil. O artigo busca problematizar a estrutura representativa do órgão, as assimetrias de poder percebidas e ponderar sobre sua capacidade e escopo de atuação, problematizando a representação da sociedade civil e acompanhando a teia discursiva em torno do próprio colegiado.

Por fim, Janaina Lopes de Amorim, Thaisa Bueno, Lígia Bernar e Daniele Lima trazem, no artigo “Atos Antidemocráticos no segundo turno das eleições presidenciais



---

no Brasil: uma análise da figura feminina como fonte de notícias”, um panorama sobre a propagação na mídia da imagem das mulheres que participaram dos primeiros atos antidemocráticos ocorridos com o intuito de questionar o resultado eleitoral que elegeram Luiz Inácio Lula da Silva (PT) como presidente do Brasil, em três de novembro de 2022, enfatizando o tratamento que receberam na cobertura midiática, compreendendo que as mulheres são pouco ouvidas como fontes destas notícias e aparecem mais em segundo plano nos vídeos, reforçando a ideia de subalternização. Trata-se de um retrato não muito verticalizado a respeito da potencialidade de reflexões e enfoques possíveis no tratamento da temática geral proposta. No entanto, evidencia uma série de elementos relevantes para construir um debate qualificado, capaz de evidenciar caminhos e ferramentas de análise para o enfrentamento de nossas limitações, sobretudo diante de um cenário de constantes e sobrepostas oscilações políticas no continente e do desafio de estabelecer o devido comprometimento com a transformação social por parte da classe política nos países.

Após o dossiê, seguimos com a Seção Livre, iniciada pelo artigo *Difusão de inovações, trabalho e produção de rede no metrô de São Paulo: a experiência da Linha 5-Lilás*, no qual a professora Janice Caiafa apresenta pesquisa etnográfica em que mapeia como as inovações tecnológicas e organizacionais implementadas na linha 5-Lilás do metrô da capital paulista estão afetando o cotidiano dos metroviários e reconfigurando o ambiente desta linha, sobretudo com a introdução do trabalho multitarefa. No contexto do processo de expansão, modernização e privatização deste metrô, a Linha 5-Lilás foi a primeira linha existente a ser convertida às novas diretrizes. A partir de dois eixos principais – a *difusão de inovações* (Rogers, 2003) e *processos de rede* (Dupuy, 1991) – Caiafa explora ainda como se delineia nesse processo uma nova forma de produção de território que afeta o conjunto das linhas, com consequências para a realização do metrô como rede.

A opção etnográfica também é a escolha metodológica do professor Thiago Soares no artigo *Disputas morais nas músicas pop periféricas: estudo a partir do bregafunk*, o segundo desta seção. As batidas do bregafunk e os louvores que anunciam um culto evangélico, numa rua de um bairro da periferia do Recife, são a deixa para a imersão antropológica do pesquisador. Os tensionamentos da situação passam por enquadramentos que vinculam corpos a condições de performance em suas dinâmicas de lazer. Em uma interseção dos campos da Comunicação e Antropologia, Soares



---

levanta a hipótese de que as performances em esferas do lazer e entretenimento se conectam a tensionamentos em ambientes midiáticos que envolvem disputas morais a partir da música.

Na sequência, o artigo *Melodrama enquanto estratégia comunicacional* busca estabelecer conexões entre o gênero narrativo e o campo da Comunicação, expandindo o conceito. Os autores apresentam uma discussão epistemológica sobre o melodrama, apontando aspectos de comunicabilidades e incomunicabilidades na linguagem melodramática. O melodrama é visto como um sistema circular de construção de sentidos, que funciona por meio da interpretação, da interação e da reflexão. Por meio de revisão bibliográfica, os autores trazem uma genealogia do melodrama, desde o teatro francês, até sua popularização no audiovisual. A linguagem melodramática é apontada como mediadora de diferentes obras e seus receptores.

Também tendo como objeto de investigação o audiovisual, o próximo artigo, *Clube de leitura audiovisual e suas promessas em um ambiente convergente: uma análise crítica do Netflix Book Club* *Clube de Leitura*, de autoria de Claudia Thomé, Christina Ferraz Musse, Vanessa Coutinho Martins e Susana Azevedo Reis, foca neste clube de leitura do ainda mais popular streaming, para discutir as estratégias de indicação das obras derivadas da literatura. Utilizando como metodologia a Análise Televisual Convergente (BECKER, 2019), o texto verifica que a Plataforma vale-se do prestígio que esses clubes de leitura (re)conquistaram em suas versões virtuais sem, no entanto, manterem os princípios formativos – entre outros – que caracterizam esse tipo de agrupamento, confirmando, deste modo, um acionamento raso do que antes era reconhecido como estratégia potente de troca de conhecimento e experiências.

No artigo seguinte Marcello Mattos de Carvalho e Carlos Alberto Zanotti revisitam a minissérie *Anos Rebeldes*, levada ao ar em 1992 pela Rede Globo, com o objetivo de salientar o papel desempenhado pelo jornalismo no violento período histórico da ditadura militar, no Brasil. No artigo *O jornalismo no bardo televisivo: o protagonismo da imprensa em Anos Rebeldes*, os autores enfatizam a importância de se combater a falsificação recorrente, operada por diferentes grupos conservadores, sobre o papel da imprensa como sustentáculo dos governos militares. Para a dupla, em *Anos Rebeldes* o jornalismo aparece como protagonista institucional da trama de Gilberto Braga, conformando o pano de fundo sobre o qual desenvolve-se o melodrama



---

ficcional. Em complemento a uma pesquisa bibliográfica e documental, a metodologia adotada é a Análise de Conteúdo dos 20 episódios da produção.

Dando continuidade ao bloco, o artigo de Alice Silva, Arthur Fiel e Patrícia D'Abreu intitulado *Aproximações entre infâncias, indígenas mulheres e feminismos no filme Tainá (2000)* destaca como a protagonista desta obra pode ser vista como um símbolo de representação de crianças do gênero feminino no audiovisual infantil brasileiro. A partir de uma articulação entre as pautas dos movimentos feministas e de outros movimentos sociais, os pesquisadores apontam mudanças marcantes que Tainá traz, rompendo com o papel mais passivo, característico de personagens infantis femininas, para um protagonismo ativo e proativo. Ou seja, o filme assume que a criança pode tomar ações e decisões, o que consideram um ponto de inflexão relevante para os filmes infantis.

Finalmente, os dois últimos textos desta Seção vão focar, de modos distintos, nos discursos veiculados pela imprensa. O primeiro, intitulado *A parresía jornalística e Djamila Ribeiro: levantando-se contra o racismo bolsonarista nas páginas do jornal Folha de S.Paulo*, Eduardo Ritter utiliza o termo *parresía* para descrever a fala franca e direta, em que seu emissor se coloca em uma posição que pode ser confrontada. Essa é a situação vivida pela filósofa e colunista Djamila Ribeiro em seus textos jornalísticos que são investigados pelo autor como resistência ao racismo bolsonarista, justamente porque confronta falas do ex-Presidente da República. Para Ritter, essa *parresía* jornalística de Djamila Ribeiro escancara o racismo presente no discurso bolsonarista, pois tem capacidade de desvendamento discursivo. E, fechando a seção, temos o artigo *Reynaldo Gianecchini na revista GQ: um homem feminino que não fere o seu lado masculino*.

Escrito por Roberto Abib e Danielle Brasiliense, seu título é inspirado na canção *Masculino e Feminino*, de Pepeu Gomes, e a proposta é problematizar a produção discursiva da questão de gênero presente em uma edição da revista *Gentlemen's Quaterly* (GQ) com o ator brasileiro Reynaldo Gianecchini. A fluidez de gênero performada pelo ator, por meio dos discursos produzidos através de sua entrevista e fotografias, formam aquilo que os autores chamam de masculinidade contemporânea, capaz de conciliar, consigo, narrativas tidas como femininas. Trata-se de um jogo entre o que é considerado como masculino e feminino que provoca um reposicionamento da construção “homem” na contemporaneidade, reflexo da fragmentação das



subjetividades em nosso tempo, ainda que isso não signifique a superação dos binarismos de gênero, nem a reprodução da dominação masculina, que segundo os pesquisadores ainda está presente na revista.

E para encerrar esta última edição de 2023, trazemos a resenha crítica do livro “Television, Memory and Nostalgia” (2011), da pesquisadora britânica Amy Holdsworth. Intitulado por seus autores, Valdemir Soares dos Santos Neto e Mario Abel Bressan Júnior, “As múltiplas camadas da memória da/na televisão”, o texto destaca que, apesar de ser uma obra de 2011, ainda demanda respostas hoje, especialmente na perspectiva de tensionar os conceitos que a autora utiliza em seus estudos sobre memória e nostalgia na televisão. Sob esse horizonte, os autores apresentam cada capítulo que compõe o livro, oferecendo caminhos de leitura e reflexão que muito contribuem para ampliar as perspectivas de compreensão da obra. Oferecem, deste modo, um texto que auxilia, significativamente, os leitores, em especial aqueles que se dedicam aos estudos de televisão.

Concluimos, assim, essa edição, destacando o papel da Revista Mídia e Cotidiano na partilha das pesquisas e conhecimentos da Comunicação e Informação, por manter sempre a postura de, democraticamente, acolher os diálogos multi e interdisciplinares que caracterizam nossa área de investigação.

*Que seja uma boa leitura!*

*Aimée Vega-Montiel, Luis A. Albornoz e Adilson Cabral (Ed. Seção Temática)  
Adriana Barsotti, Denise Tavares, Larissa Morais e Pedro H. dos Santos (Ed. da Seção Livre)*

---

## Referências

- ALBORNOZ, Luis A. “Garantizar la diversidad de las voces en los medios de comunicación”, in UNESCO (ed.) *Re/Pensar las políticas para la creatividad - 2022*, París, UNESCO, 2002.
- BECERRA, Martín y MASTRINI, Guillermo. „Concentración y convergencia de medios en América Latina“, *Communiquer: revue de communication sociale et publique*, 2017, 20, p. 104–120. DOI: <https://doi.org/10.4000/communiquer.2277>
- RSF (Reporteros Sin Fronteras). 2019. “¿Quién controla los medios en América Latina?” <https://rsf.org/es/noticias/medios-de-comunicacion-en-america-latina-bajo-control-de-familias-elites-economicas-y-politicas>.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.